



TAMBÉM PARA O FEMINISMO, BELEZA É FUNDAMENTAL? UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO FUNCIONAMENTO DOS LUGARES DE AUTORIDADE

IS BEAUTY ALSO IMPORTANT TO FEMINISM? A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE FUNCTIONING OF PLACES OF AUTHORITY

Lais Virginia Alves Medeiros¹
Wellton da Silva de Fatima²

Resumo: Este trabalho se inscreve no aparato da Análise de Discurso materialista. Analisamos o funcionamento discursivo do que propomos como lugares de autoridade: fatos de linguagem na relação com a memória constituídos como elementos contraditórios, dadas as condições de produção do discurso. Fazemos referência a imagens e dizeres produzidos nas redes sociais sobre declarações polêmicas ou ofensivas a feministas, recortadas seguindo uma regularidade na qual declarações feitas eram rebatidas em páginas e perfis que, embora (re)conhecidos como progressistas, recorreram a determinados saberes fundamentados nos lugares comuns do, assim (re)conhecido, discurso conservador. Em nossa análise, observamos um funcionamento particular da memória discursiva na movência dos sentidos, produzindo um efeito autoritário também a partir do trabalho das formações discursivas em tensão. Constatamos um atravessamento de sentidos colocando discursos aparentemente incompatíveis numa mesma discursividade, produzindo repetição ao invés de ruptura, por meio do funcionamento dos lugares de autoridade.

Palavras-chave: lugares de autoridade; memória; feminismos.

Abstract: This study uses materialist discourse analysis to analyze the discursive functioning of what we propose as places of authority: facts of language in relation to memory constituted as contradictory elements, given the conditions in which the discourse was produced. We make reference to images and words published in social media about statements that are controversial or offensive to feminists. In the analysis, a particular functioning of discursive memory was observed in the movements of the senses, producing authoritarian effects, which also came from the work of the discursive formations in tension. Intersections of meanings were identified that put apparently incompatible types of discourse - progressive and conservative - together, producing repetition rather than rupture, through the operation of places of authority.

Keywords: Places of authority; memory; feminisms.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, no Brasil, tem sido possível notar um certo acirramento no que se refere ao debate político. Do ponto de vista discursivo, não nos interessa o fato político

¹Doutoranda em Linguística pelo Instituto de Estudo da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Campinas, SP, Brasil. lais.v.medeiros@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3467-8066>

²Professor do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) e doutorando em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil.

wellton.fatima@ifal.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0526-5396>

em si - tal como pensado pela Ciência Política -, mas a maneira como, pela linguagem, esse acirramento se marca, produzindo fortes distinções entre grupos que se constituem por processos de identificação diferentes.

As eleições presidenciais de 2018 foram marcadas (ou mesmo definidas) pelo compartilhamento de opiniões e notícias nas redes sociais. Entre longos textos de opiniões e notícias com manchetes chamativas, destaca-se o compartilhamento de imagens com legendas curtas, forma que contribui para a viralização, fazendo referência a acontecimentos recentes. É desse modo que alguns assuntos de nível nacional com teor político ganha(ra)m grande e rápida repercussão, demandando dos sujeitos-internautas, em suas posições, proporcionais reações a esse movimento.

No espectro político, atualmente, é possível perceber que determinados assuntos e posições são interpretados³ como sendo ou pertencentes à esquerda ou do domínio da direita. Estabelece-se, desse modo, categorias estanques produzidas discursivamente a partir de um efeito de completo contrário. Esse efeito produz a distância imaginária entre dois polos que aparentemente não se tocam e não dialogam entre si, circunscrevendo-se cada um em suas fronteiras. Daí depreendemos a construção discursiva do que, hoje, se compreende como esquerda ou direita ou, mais propriamente, de quem sejam progressistas e conservadores⁴. Diante disso, interessa-nos, neste artigo, mais especificamente um funcionamento discursivo que se dá em redes sociais, como o Facebook, o Instagram e o Twitter, em contas e páginas autoidentificadas como progressistas, alinhadas às ideias das esquerdas, dos feminismos, do movimento LGBTQIA+ e dos movimentos de negritudes, por exemplo. A reflexão que apresentamos aqui parte de uma regularidade observada nessas redes sociais como resposta a declarações pejorativas sobre mulheres que se posiciona(ra)m publicamente como feministas.

A questão do(s) feminismo(s) é objeto de amplo debate nas mais diversas áreas da prática científica e nos mais diversos espaços da prática política. Se, por um lado, conforme aponta Pinto (2010, p. 15), ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra a sua condição, ainda de acordo com a autora, é a partir do século XIX e ao longo do século XX que o movimento feminista ganha contorno: em primeiro lugar a partir de movimentos de reivindicação política e, posteriormente, em consequência da prática política, a partir também da produção teórica. Ao longo dessa história, diversas vertentes e/ou tendências do feminismo se consolidaram, tendo como ponto central, ainda que com intensas divergências, a questão da mulher. Apesar de reconhecermos a importância da distinção entre as diversas tendências, como o feminismo liberal, o feminismo socialista, o feminismo radical (CONCEIÇÃO, 2009, p.742) e, mais recentemente, o feminismo interseccional - dentre outros -, compreendemos que as declarações feitas sobre mulheres e, mais especificamente, as ofensas às feministas - o que constitui a regularidade que analisamos neste artigo - não distinguem vertentes ou correntes. De outro modo, visam à desqualificação da posição feminista, em um imaginário partilhado socialmente segundo o qual o feminismo seria um só⁵. E a resposta a essa tentativa de desqualificação, pelas condições que estão em jogo, também parte desse efeito. Isto é, no material que analisamos, diante de uma ofensa,

³ Conceituamos a interpretação tal como Orlandi (1996), ao teorizar sobre a injunção à interpretação à qual os sujeitos são submetidos.

⁴ Dado o nosso objetivo primeiro e o limite imposto pelo formato de um artigo, não trataremos a fundo sobre a complexidade teórica - tratada pela Análise do Discurso, pela Ciência Política, pela Antropologia, etc. - da constituição e do confronto entre as noções de “progressismo” e de “conservadorismo”. Interessamos o fato posto de que existem grupos políticos alinhados a pautas como os feminismos, que se reivindicam progressistas, e grupos políticos que antagonizam esses ideais, reconhecidamente conservadores, instaurando uma divisão que funciona discursivamente no imaginário popular.

⁵ Destacamos que esse imaginário não é universal, mas, de acordo com as análises realizadas, podemos descrevê-lo como um efeito de evidência predominante ao falar sobre o feminismo.

não se buscava defender a feminista socialista, a intersseccional ou a radical, mas a feminista, nesse efeito imaginário de objeto uno⁶.

A regularidade, portanto, que observamos nas redes sociais se desenha pelo seguinte movimento: uma figura pública se afirma a favor do(s) feminismo(s); outra figura pública ataca pejorativamente as feministas e o(s) feminismo(s); internautas identificados com pautas progressistas divulgam nas redes sociais montagens em que comparam esteticamente a/o autor(a) da crítica à aparência física de alguma mulher que já tenha se declarado publicamente como feminista - nos fatos de linguagem que analisamos, a própria figura pública por meio da qual se desencadeia o ocorrido. Essa comparação, feita nas montagens, cria um efeito de ridicularização que coloca a noção de beleza em jogo. Trata-se da constituição, no interior desse jogo, de uma espécie de prova de que a figura que ataca as feministas e os feminismos, por questões estéticas e comportamentais, não dispõe de legitimidade para tal. Destacamos pelo menos três situações em que esse funcionamento foi observado: a crítica do jornalista Rodrigo Constantino à atriz Scarlett Johansson quando esta cortou o cabelo; a divulgação da imagem da atriz e apresentadora Fernanda Lima e de seu marido, Rodrigo Hilbert, em resposta à declaração de que feministas são mal amadas; e uma série de montagens comparando a aparência de artistas feministas à aparência de Damares Alves, Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no governo de Jair Bolsonaro, em resposta a um vídeo onde esta afirma que feministas não gostam de homens porque são feias. Por questões de volume de escrita, nossa análise será restrita aos dois últimos casos. Acenamos, porém, para o fato de que o primeiro caso também constituiu nosso *corpus* inicial e nos ajudou na compreensão do processo discursivo em questão.

Assim, este trabalho traz, além desta introdução, uma seção em que situamos teoricamente a noção que estamos propondo; um primeiro gesto de análise a partir de uma polêmica envolvendo a apresentadora de televisão Fernanda Lima; um segundo gesto de análise a partir de uma polêmica envolvendo Damares Alves; e, por fim, algumas considerações finais. Procedamos, então, à discussão sobre os lugares de autoridade.

LUGARES DE AUTORIDADE: PONTO DE PERMANÊNCIA NA MEMÓRIA

Tendo em vista o aparato teórico-e-metodológico da Análise do Discurso materialista, tal como proposta por Pêcheux (1995 [1975]), na França, e por Orlandi (2013), no Brasil, tomamos a questão da produção dos sentidos enquanto determinada pelo funcionamento da ideologia. Por meio de diferentes formações ideológicas (PÊCHEUX, 1995 [1975]), os funcionamentos regionais da ideologia, possibilita-se a existência de diferentes posições-sujeito no interior das diferentes formações discursivas. É assim que a produção de sentidos, em nossa perspectiva teórica, é determinada pela inscrição do sujeito em certa formação discursiva. Desse modo, algo a se significar passa necessariamente por essa inscrição. No entanto, identificamos uma regularidade, nas polêmicas citadas na introdução deste trabalho, que aponta para um funcionamento específico, que aqui propomos como *lugares de autoridade*: saberes legitimados que produzem sentidos igualmente evidentes em discursos antagônicos - no caso em tela, o progressista e o conservador. Se é a formação discursiva, que, conforme Pêcheux (1995 [1975]), determina aquilo que pode e deve ser dito, os lugares de autoridade determinam as mesmas autorizações e interdições em formações discursivas distintas ou mesmo antagônicas.

⁶ Isso explica o porquê de, em alguns momentos, grafarmos “feminismos”, no plural, e em outros, “feminismo”, no singular. Aquela grafia em reconhecimento da importância da distinção entre vertentes, tendências e correntes e esta última grafia abordando o imaginário socialmente partilhado a partir desse efeito de objeto uno.

Mobilizamos a noção de autoridade - e itens lexicais afins, como autoritário, etc. - não em seu sentido corriqueiro, mas de acordo com os parâmetros estabelecidos por Orlandi (1987). Para a autora, a noção de “autoritário”, ao cunhar a tipologia “discurso autoritário”, tem a ver com a predominância da paráfrase sobre a polissemia na tensão que constitui o sentido na relação entre esses mecanismos básicos de produção discursiva. Nos filiamos à posição da autora de que o “autoritário” tende à paráfrase, pois dá-se à tentativa de fechamento do sentido. Os lugares de autoridade, tal como propomos, são lugares de retorno à paráfrase, de retomada do mesmo, funcionando como um ponto de permanência. As análises que nos permitiram chegar a esse funcionamento se centram sobre a noção da “beleza” como um lugar de autoridade, conforme apresentaremos em seções adiante. É importante não confundir “discurso autoritário” (ORLANDI, 1987) e “lugares de autoridade”. Orlandi (1987), ao cunhar essa noção, busca estabelecer uma tipologia discursiva, um parâmetro para observação do mecanismo de produção do sentido. Nós buscamos, de outro modo, observar esse funcionamento específico de memória que retorna indistintamente sobre as diferentes formações discursivas, salvaguardado o funcionamento da contradição.

A noção de “lugar” tem sido trabalhada em diferentes domínios dos estudos da linguagem. Dessa forma, salientamos que o modo como mobilizamos o estatuto do “lugar” neste trabalho diferencia-se, por exemplo, das noções de “lugares de enunciação” e de “*locus* discursivo”. Para Zoppi Fontana (1999, p. 16), no domínio teórico da semântica da enunciação, os lugares de enunciação são definidos como “a divisão social do direito de enunciar e a eficácia dessa divisão e da linguagem em termos da produção de efeitos de legitimidade, verdade, credibilidade, autoria, circulação, identificação, na sociedade”. Desse modo, a noção de “lugar” está intimamente ligada à questão da enunciação. Embora estejamos de acordo que os lugares de enunciação se articulam, nos processos discursivos, aos lugares de autoridade, a noção de “lugar” com a qual trabalhamos se caracteriza por espaços de recorrência de memória; está relacionada, portanto, ao modo como o interdiscurso se faz valer nos processos de produção de sentidos. A partir de outra posição teórica, a arqueológica do saber, Foucault (2014) associa a noção de “*locus*” às posições dos sujeitos em relação às instituições. Para nós, no entanto, as posições dos sujeitos estão ligadas ao funcionamento da ideologia. Desse modo, a noção de “lugar” com a qual trabalhamos não se compromete teoricamente com a perspectiva foucaultiana.

Dito isso, voltamos nosso olhar para o arquivo por meio do qual identificamos e desenvolvemos essa noção. Um primeiro olhar sugere que as materialidades que o compõem são sustentadas por um discurso de autoridade que reitera saberes que, por uma questão de incompatibilidade ideológica⁷, supostamente não gozariam de legitimidade num ambiente de militância progressista. O antagonismo das formações discursivas de que tratamos anteriormente está materializado, em nossas análises, no antagonismo entre o progressismo e o conservadorismo, conforme veremos.

Em nossos materiais, identificamos uma busca de afirmação, por meio da comparação estética proposta pelas imagens, de que esta ou aquela feminista é, sim, bonita, que seu marido também é bonito e que os autores das críticas é que são feios. O que retorna do interdiscurso é o que propomos como lugar de autoridade: um discurso de autoridade calcado em saberes comumente recusados pela militância progressista - ou ao menos diante dos quais se pretende um efeito de recusa. Isto é, não interessa à militância política progressista recorrer a noções como a beleza para se legitimar no debate público.

⁷ Entendemos, no entanto, que a “compatibilidade ideológica” é um efeito. Partindo de uma posição materialista do discurso, trabalhamos esse sujeito que toma a palavra já nesse efeito de controle dos sentidos, impossível de acordo com nossa posição teórica. Independentemente dessa impossibilidade, há, projetado imaginariamente, um “código de conduta ético e moral” do, assim reconhecido, discurso progressista. Deriva daí a incompatibilidade de que estamos tratando.

O que ocorre, no entanto, é que esses dizeres, pelo modo como os lugares de autoridade acionam o interdiscurso, enquanto aquilo que fala antes, independentemente (ORLANDI, 2013), acabam sustentando as respostas às críticas, conforme demonstraremos na análise dos fatos de linguagem, que iniciamos na próxima seção.

MEMÓRIA E RESTAURAÇÃO DOS IMPLÍCITOS NA PRODUÇÃO DISCURSIVA: UM PRIMEIRO GESTO DE ANÁLISE

No primeiro capítulo de seu livro, Achard (1999) discute a árdua tarefa, para o analista do discurso, de versar sobre o funcionamento dos implícitos - e os riscos de recair ao psicologismo - na produção do discurso, trazendo à baila o conceito de memória. Cientes dos desafios, propomos aqui pensar um ponto específico do funcionamento da memória que parece retornar indistintamente sobre as formações discursivas. Trata-se do que chamamos lugares de autoridade.

Para tanto, gostaríamos de tomar um primeiro fato de linguagem dentre os que introduzimos na seção anterior. Vejamos:



Figura 1. Montagem compartilhada na página Cartazes & Tirinhas LGBT na rede social Facebook em 09 nov. 2018

Fonte: *Print screen* feito pelos autores a partir da tela do computador.

Tomamos o cuidado de desidentificar a autora da montagem, o autor do comentário, além de ocultar o autor do *print screen* da imagem. Isso porque não nos interessa a ação de indivíduos empíricos, mas o funcionamento discursivo em tela, sendo veiculado, como dissemos, por páginas autoidentificadas com o campo político progressista no espectro atual. Consideramos, pois, a tomada da palavra não como ato individual, mas como enunciações a partir de posições-sujeito forjadas a partir de formações discursivas.

A Figura 1 deriva de uma polêmica na qual a apresentadora Fernanda Lima, da Rede Globo de Televisão, foi envolvida. A apresentadora, em seu programa “Amor e Sexo”, via de regra tocava em temas que incomoda(va)m as vozes mais conservadoras da cena pública brasileira. Tratou-se, em diversas ocasiões, de homossexualidade, transexualidade, posições sexuais, poligamia, entre tantas outras coisas. Em uma dessas ocasiões, em uma fala de encerramento, a apresentadora fez um forte pronunciamento marcando posição em favor do feminismo e de suas pautas, ressaltando a importância

desse movimento social para a sociedade brasileira. Em poucas horas, a fala da apresentadora viralizou pelas redes sociais, expandindo-se para além da audiência específica do programa, e chegando à opinião pública online. O primeiro lugar onde se repercutiu o fato foi a página “Gina Indelicada”, da rede social Instagram. E foi também a partir do Instagram que a polêmica que aqui nos traz se instaurou⁸.

Destacamos aqui que não está no nosso escopo de análise compreender a tomada de posição feminista da apresentadora, tampouco a compreensão que esta teria do movimento feminista e de suas diferentes vertentes. Uma vez que nos interessamos sobre o processo discursivo engendrado nas redes sociais a partir de sua manifestação, não trabalhamos com a pluralidade dos feminismos, mas, sim, com um imaginário de feminismo único, num movimento de homogeneização que constrói uma imagem pública de como seria uma feminista e não atenta para as nuances próprias de todo movimento social.

Algumas horas após a exibição do programa e a viralização do conteúdo nas redes sociais, o pronunciamento de Fernanda Lima começou a despertar reações. A que mais repercutiu, pelo fato de se tratar de uma figura pública em evidência e pelo teor de seu comentário, foi a do cantor Eduardo Costa, conhecido defensor de pautas e políticos que compõem o grupo que vem a público se dizer politicamente conservador. Entre muitas coisas ditas, o que chocou e impulsionou a polêmica - resultando inclusive em processo jurídico⁹ - foi o fato de o cantor ter chamado a apresentadora de “imbecil”, em uma clara manifestação de incômodo¹⁰ com a defesa da pauta feminista.

Logo, em reação à ofensa desferida por Eduardo Costa, alguns segmentos das redes sociais puseram-se à tentativa de deslegitimar o cantor. Uma dessas tentativas é a imagem que trazemos acima e que estamos analisando. Observe-se a cadeia de ações e reações que vão se engendrando:

Fernanda Lima se pronuncia > Eduardo Costa a ofende > As redes sociais a defendem > ... >

É curioso perceber que embora, pelo menos nessa ocasião, Eduardo Costa não tenha dito que “feministas são mal amadas”, o enunciado que compõe a montagem, qual seja, “essas feminista é tudo mal amada, nenhum homem quer ai vira feminista”, ao ser grafado com a marca enunciativa das aspas, tem seu dizer atribuído ao cantor. Isso se reforça pela dualidade que se constrói a seguir entre “a feminista” e “o cara” e pelas imagens que, em um funcionamento de incisa - como um aposto -, trazem uma explicação, por meio de fotografia, de quem são “a feminista” e “o cara”.

A despeito desse problema da atribuição da responsabilidade desse enunciado a Eduardo Costa, para tratar desse funcionamento específico dos lugares de autoridade precisamos falar sobre o conceito de memória tal como trabalhado nos domínios da Análise de Discurso materialista.

Assim como Pêcheux (1999, p. 50), compreenderemos o conceito de memória “[...] não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Desse modo, a partir desse entrecruzamento de condições para

⁸ Para compreender melhor a polêmica, acessar >> <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/2018/11/eduardo-costa-se-revolta-com-discurso-feito-por-fernanda-lima-no-amor-sexo-e-detona-essa-imbecil> << último acesso em 20/03/2020 às 18h25min.

⁹ Maiores informações sobre o processo disponíveis em: >> <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/12/11/fernanda-lima-processa-eduardo-costa-apos-ofensas-em-rede-social.ghtml> << último acesso em 29/03/2020 às 21h30min.

¹⁰ Temos buscado dar contorno teórico à noção de incômodo. Para compreender o caminho que temos trilhado, sugerimos a leitura de Fatima (2020).

seu funcionamento, a memória vem restituir, no momento mesmo da enunciação, os elementos para que se dê a significação de um determinado objeto simbólico.

A respeito disso, tomemos como exemplo um dos referentes discursivos cujos implícitos são restaurados pelo funcionamento da memória no processo de semantização da Figura 1, que estamos analisando. O sentido para feminismo - ou para as feministas - é resultado, ao mesmo tempo: 1. de uma concepção mítica sobre o gênero e suas divisões e organizações ao longo da história, constituindo-se no atravessamento com as culturas e religiosidades - essa concepção, a nosso ver, diz respeito às condições de produção em sentido sócio-histórico, produzindo efeito nas tomadas de palavra pelo funcionamento do interdiscurso; 2. de uma memória que se constitui a partir das práticas sociais - do que se estabeleceu enquanto ser mulher e, de outro modo, enquanto ser feminista e enquanto ser membra de movimentos sociais -; 3. e daquilo que temos acesso sobre o que, afinal, é o movimento feminista e quem são as feministas através do trabalho de registro histórico (salvaguardando-se as questões/problemas inerentes ao conceito de arquivo).

A memória, portanto, é um elemento que está em constante funcionamento e que atua nos mecanismos de semantização das coisas do mundo, possibilitando a restituição daquilo que produz a evidência de sentido, evidência que toma o sujeito em sua ilusão constitutiva no momento mesmo da tomada da palavra. Para Pêcheux (1999, p. 52):

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

No entanto, ocorre que as evidências de sentido, para a Análise de Discurso, não são universais. É necessário tratar das formações discursivas e daquilo que a elas está apenso. É esse conceito, o de formações discursivas, que nos permite dar contorno aos antagonismos que vão se delineando a partir do esquema de ações e reações que descrevemos mais acima. Como é possível que a defesa da pauta do feminismo desperte tanta polêmica? É porque esse referente discursivo, o feminismo, tem seu sentido delimitado pelos diferentes funcionamentos ideológicos possíveis em nossa formação social. Assim, há sujeitos para quem o feminismo é uma obviedade urgente e há sujeitos para quem o feminismo é uma espécie de ameaça. Para Pêcheux, formação discursiva é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo espaço da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995 [1975], p. 160).

É nesse sentido que versamos sobre uma formação discursiva progressista e uma formação discursiva conservadora¹¹. A primeira tem, em sua história recente, saído em defesa de diversas pautas associadas às transformações das estruturas sociais atuais, dentre elas as pautas feministas. Valemo-nos aqui da divisão evidenciada pelo esquema de ação e reação na polêmica envolvendo Fernanda Lima, afinal, a apresentadora e o cantor que a critica ocupam posições-sujeito no discurso antagonicamente dispostas no espectro político brasileiro. Dito de outro modo, na formação discursiva na qual a apresentadora se inscreve, o feminismo é significado de uma maneira, e, para a formação discursiva na qual o cantor se inscreve, esse mesmo movimento social é significado de maneira oposta. Uma vez que não trabalhamos com sujeitos empíricos, mas com posições de sujeito, não são os posicionamentos particulares das duas figuras em questão que nos interessam, mas o modo como o processo discursivo que se desenvolveu no ambiente

¹¹ Conforme já afirmamos, não entraremos a fundo nas noções de progressismo e conservadorismo nem nos diferentes sentidos que constituem os sujeitos que se filiam a esses grupos. Essas são apenas nomenclaturas razoavelmente adequadas àquilo que estamos tentando descrever: grupos antagonicamente posicionados sobre pautas polêmicas, situação na qual tipicamente se reconhecem os defensores como progressistas e os contrários como conservadores.

digital circunscreveu esses discursos em redes de sentidos antagônicas. De um lado, vemos o feminismo explicado como uma luta contra a opressão das mulheres. De outro lado, vemos a defesa dessa luta como uma justificativa para que sejam proferidas ofensas contra quem nela se engaja. Quais sentidos essa disputa põe em circulação quando adentra o espaço das redes sociais?

Estamos compreendendo, também, a página “Cartazes & Tirinhas LGBT” como filiada à formação discursiva progressista não só pela posição assumida na polêmica envolvendo Fernanda Lima, mas também pelo seu histórico de defesa de pautas que são comumente atribuídas a esse grupo e antagonicamente posicionadas ao conservadorismo.

Essas formações discursivas - progressista e conservadora - permitem a forja de diferentes posições-sujeito, que, como pressupõe a Análise do Discurso, são produzidas no interior das formações discursivas. Tais posições, por sua vez, permitem ao sujeito se colocar em favor ou contra a defesa do feminismo, como ocorre com Fernanda Lima (e com a página que saiu em sua defesa) e Eduardo Costa. Mas resta ainda uma questão: como a polêmica se desdobrou em uma comparação estética entre Fernanda Lima e Eduardo Costa, incluindo-se o cônjuge de Fernanda Lima, o ator Rodrigo Hilbert?; pesando-se, ainda, sobre isso, o fato de que a tal comparação fora legitimada e veiculada por páginas autoidentificadas com a mudança e com a transformação das estruturas sociais, passando a constituir, mesmo que momentaneamente, um certo *modus operandi* de tentativa de deslegitimação da crítica conservadora ao feminismo? Para delinear bem qual é o nosso ponto, retomemos o fato de linguagem a partir da imagem para nos conduzirmos à compreensão do que são os lugares de autoridade.

Na produção da montagem veiculada pela página “Cartazes & Tirinhas LGBT”, cujos compartilhamentos superaram rapidamente a casa dos milhares, utiliza-se uma foto bastante produzida de Fernanda Lima. É importante frisar que a comparação estética convoca para o processo de argumentação a noção de beleza. Pelo funcionamento da ironia, a página parece querer provar que “as feministas” não são “mal amadas” e que não é verdade que “nenhum homem as quer” e que só por isso “viram feministas”; pelo contrário, encaminha-se para a conclusão - pela imagem que funciona como incisa - de que as feministas são bem amadas e que os homens, sim, as querem, havendo uma prova que ilustra isso nos comentários da postagem, a foto do ator Rodrigo Hilbert. Note-se, ainda, que “bonita” funciona como paráfrase de “bem amada”; um processo digno de atenção, já que não se usa uma imagem de Fernanda Lima sendo, por exemplo, abraçada ou aplaudida por fãs, mas, sim, “sendo bonita”. A ironia também busca ponto de apoio no procedimento de comparação, já que a imagem mostra foto dos dois - Fernanda Lima e Eduardo Costa - lado a lado, convocando a evidência da beleza de Fernanda Lima em prol do efeito de verdade que vai se produzindo.

Como analistas de discurso, compreendemos que um sentido é produzido sócio-historicamente. O funcionamento que estamos descrevendo produz um efeito, evidência “[...] na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar [...]” (PÊCHEUX, 1999, p. 51). Desse modo, passamos a nos questionar sobre esse programa de leitura que aí irrompe, do qual deriva o sentido de beleza que subjaz à lógica da imagem para, posteriormente, chegar à noção dos lugares de autoridade.

Fernanda Lima, citada na postagem da página, e Rodrigo Hilbert, nos comentários, caracterizam-se por uma beleza alva e bem produzida. São fotos de estúdio - vale lembrar que ambos também são modelos - que dão destaque aos cabelos loiros e aos traços de origem caucasiana, como narizes afilados e lábios finos. Trata-se, portanto, de uma trama fortemente atravessada e, ao mesmo tempo, calcada em uma questão étnico-racial.

Já a foto de Eduardo Costa arrolada para a montagem se constitui a partir de outros modos de formulação. A foto do estilo *selfie* - ou mesmo captura de um vídeo (não é possível precisar) -, em situação cotidiana, mostra o cantor sem camisa, no que parece ser

o quintal de sua residência, sem produção de maquiagem, cabelo, etc. É fundamental observar que na formulação da imagem que traz Eduardo Costa ficam em relevo o nariz e os lábios do cantor. A sobressaliência desses traços que acabamos de escrever se dá por contraposição. Afinal, o que, em termos de beleza, permite a comparação entre os três e a eficácia no sentido de que “a feminista é bonita, sim”, é a evidência de que os traços “mestiços” - chamamos novamente atenção para o aspecto étnico-racial - (cabelo, nariz, lábio), longe da alvura caucasiana dos dois demais, são uma desvantagem.

Essa construção remete a um pré-construído bastante evocado na sociedade brasileira, que pode ser relacionado ao passado de colonização e às políticas de branqueamento¹² que foram largamente difundidas no país. Para nos ater à questão estética, foco da análise em tela, trazemos brevemente as reflexões de Munanga (2020) e González (1988). Munanga (2020), ao analisar como a criação da categoria de negritude foi um instrumento que serviu à colonização e à escravização, destaca que o aspecto físico dos indivíduos foi parte importante dessa construção. Assim, traços fenotípicos majoritariamente identificados nas populações africanas eram significados como selvagens, primitivos, em oposição aos traços fenotípicos majoritários das populações europeias, tomados como o padrão de como deveria ser a aparência humana. O branco seria a normatividade; o negro, a degeneração. Essa construção contribuiu para que a estética caucasiana fosse tomada como a desejável, aquela que distingue os seres humanos dos selvagens, e é parte dessa memória que é acionada diante de comparações como a apresentada na Figura 1. González (1988), por sua vez, explica o funcionamento da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial no Brasil. A autora aponta que um de seus efeitos é a repulsa àquilo que pode ser identificado como característico da negritude, e isso passa pelos aspectos estéticos, que podemos ver sintetizados na atribuição categórica de beleza para rostos com traços brancos e de ridicularização para rostos com traços racializados.

Além da questão da beleza, outro funcionamento permeia a produção da eficácia da ironia que constitui a montagem. Funcionando juntamente à contestação de que as “feministas são feias”, há também a busca pela contestação de que “nenhum homem as quer”. É nesse sentido que surge, como ponto de ancoragem na formulação não mais da imagem, mas do *print screen*, a foto de Rodrigo Hilbert, marido de Fernanda Lima. A foto de Rodrigo, já anteriormente descrita, funciona como “prova irrefutável” de que há homens que querem feministas, atuando na contestação do dizer tipicamente conservador de que “feministas são mulheres abandonadas”.

Em Análise de Discurso, um procedimento eficaz para compreender a constituição de um sentido é

[...] colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente o sentido de suas palavras. (ORLANDI, 2013, p. 59)

Desse modo, recorreremos, via de regra, ao procedimento da paráfrase, buscando restituir as cadeias parafrásticas de sentido (aquilo que não foi dito, mas que constitui igualmente o dizer) que dão sustentação à tomada da palavra. Como estamos trabalhando também com o não-verbal, nosso procedimento se torna um pouco mais complexo.

¹² As políticas de branqueamento no Brasil dizem respeito a esforços desenvolvidos no sentido de “embranquecer” a nação. Baseadas em teorias racistas, que buscavam justificar a superioridade da raça branca em relação à raça negra, essas políticas consistiram no incentivo à recepção de imigrantes europeus com políticas afirmativas, ao mesmo tempo em que a população negra era negligenciada e invisibilizada pelo poder público. Follmann e Pinheiro (2013, p. 28) destacam que “essas políticas marcaram o período de processo de abolição da escravatura e o período pós-abolição, evidenciando um processo de ‘purificação racial’ e de ‘desafricanização’ do Brasil”.

Ancorados nos apontamentos de Lagazzi-Rodrigues (2007), ao trabalhar com materialidades significantes constituídas também pelo não-verbal, mobilizamos a noção de metáfora - mecanismo básico de substituição -, valendo-nos na ampliação do escopo da noção de sinonímia, para nos questionar, por exemplo, se em vez de uma foto de Fernanda Lima estivesse arrolada na montagem uma foto de outra mulher que: 1. não tivesse os mesmos atributos e traços étnicos caucasianos; 2. não tivesse um marido, sendo, portanto, casada; 3. sendo uma mulher, não tivesse um marido, sendo, portanto, heterossexual; 4. não fosse magra e não adotasse certas convenções estéticas atuais para o “corpo bem cuidado”, como depilação, maquiagem, etc.; 5. e não tivesse outros atributos mais de Fernanda Lima, que projetam sua imagem na evidência da “feminista bela e desejada pelos homens”.

É assim que entendemos que a ironia constestatória favorável ao feminismo sustenta-se pela branquitude, pela noção de família (no modo como ela se apresenta para nós), pela heterossexualidade, pela magreza, etc. Essa sustentação é parte dos implícitos restaurados, pelo funcionamento da memória, na produção do efeito de evidência da beleza de Fernanda Lima em contraste com Eduardo Costa (e com Damares Alves, conforme veremos). Fosse ela uma mulher negra, solteira, lésbica - ainda que casada - , gorda e não adepta aos tratamentos cosméticos evidentemente adotados, haveria essa eficácia de sentido de beleza diante de Eduardo Costa? A “beleza”, tal como forjada, funciona como um ponto de permanência que atravessa as formações discursivas, subjazendo uma mesma lógica de funcionamento: a de que “ser belo” é condição *sine qua non* para o exercício de uma posição socialmente legitimada. Esses sentidos, pois, configuram o que chamamos lugares de autoridade. A beleza, constituída no modo como a descrevemos e tendo em vista o funcionamento identificado no arquivo que reunimos para produzir nosso corpus, é um ponto de permanência porque atravessa indistintamente as formações discursivas conservadora, conforme já é sabido, e progressista, conforme buscamos demonstrar: para ambas a branquitude, a heterossexualidade, a família, a magreza, etc. funcionam como (re)conhecidos espaços de memória retomados como verdades evidentes. É assim que identificamos os lugares de autoridade como um atravessamento na produção de sentidos que, diferentemente do recorte no interdiscurso efetuado pela memória discursiva, funciona como um mesmo efeito de evidência que se sustenta mesmo em formações discursivas antagônicas.

Ainda que a página se filie a posições progressistas e se mostre disposta a se alinhar à transformação das estruturas sociais de desigualdade e opressão, recorre-se a um lugar de autoridade comumente retomado pela posição conservadora (que nega, por exemplo, a existência do machismo, do racismo, etc.), ao justificar a legitimidade da fala de Fernanda Lima justamente pela sua imagem branca e “bonita” e pelo fato de ter um marido, características que, para uma formação discursiva progressista, não deveriam, a princípio, servir como legitimação de uma mulher. No entanto, o funcionamento dos lugares de autoridade atravessa os saberes de diferentes formações discursivas e as coloca em contato e em confronto com sua contradição constitutiva.

E SE TODAS AS FEMINISTAS FOSSEM FEIAS? UM SEGUNDO GESTO DE ANÁLISE

A materialidade cuja análise iniciaremos agora também toma Fernanda Lima como ponto de ancoragem para demonstrar a beleza das feministas, mas o contraponto proposto toca em outras questões: a imagem não compara mais um homem, uma mulher e seu marido, mas, sim, duas mulheres.



Figura 2. Montagem compartilhada na página “Time Ciro Gomes” na rede social Facebook em 14 jan. 2019.

Fonte: *Print screen* feito pelos autores a partir da tela do computador.

Há um funcionamento próprio do ambiente digital que se difere daquele identificável na Figura 1. Se na Figura 1 a citação entre aspas evocava um enunciado que circula no interdiscurso, na Figura 2, é evocado um enunciado cuja fonte é identificável: um vídeo de uma fala de Damares. Esse vídeo, por sua vez, ainda de acordo com a Figura 2, foi publicado no site Diário do Centro do Mundo, conhecido por um posicionamento progressista, enquanto a comparação imagética entre “A feminista” e “A pastora” se vale dessa publicação para produzir o meme publicado pela página “Time Ciro Gomes” na rede social Facebook. Assim como procedemos na análise da Figura 1, rasuramos as identificações dos comentaristas da página, enquanto as identificações do site e da página foram mantidas para localizar a circulação desse discurso em ambientes ditos progressistas.

A Figura 2 é composta pelos seguintes elementos: um *frame* de um vídeo de Damares Alves numa situação de fala pública, com um microfone na mão, seguido da legenda “VÍDEO: ‘Feministas não gostam de homens porque são feias e nós somos lindas’, diz Damares”. Abaixo dessa legenda, há uma foto de Fernanda Lima, legendada como “A feminista”, e uma foto de Damares Alves, legendada como “A pastora”. A publicação dessa imagem foi legendada pela página “Time Ciro Gomes” com “Nem aos olhos de Deus, Damares!”. É a partir desse conjunto de materialidades verbais e imagéticas que iniciamos nossa análise.

Dentre as materialidades verbais, destacamos num primeiro momento a legenda do vídeo: “‘Feministas não gostam de homens porque são feias e nós somos lindas’, diz Damares”. É possível estabelecer algumas paráfrases desse enunciado: 1. Para gostar de homens é preciso não ser feia; 2. Nós somos lindas, diferentemente das feministas, que são feias; 3. Nós gostamos de homens. Há pelo menos dois saberes que emergem do interdiscurso pela linearização dessas paráfrases: o de que feministas são feias, como já citado na análise anterior, e o de que o feminismo é uma forma de desprezo aos homens. Quanto a este último, é possível relacioná-lo ainda a um pré-construído que, para além da questão do gênero, delimita discursos preconceituosos sobre a sexualidade LGBTQIA+: os que sustentam que mulheres lésbicas e bissexuais se relacionam com outras mulheres por terem fracassado em relacionamentos com homens, ora por serem feias demais para

atraí-los, ora por não terem encontrado um homem que as satisfizesse sexualmente de forma completa.

Tais saberes, embora não materializados verbalmente, significam pela memória discursiva e atribuem sentido à fala de Damares: enquanto não gostar de homens funciona como um pré-construído para caracterizar as feministas, o par opositivo feias/lindas atua na demarcação de lugares enunciativos distintos. Nós, que somos lindas, nos diferenciamos delas, que são feias. É esta a rede de sentidos que atravessa a legenda do vídeo. A montagem reproduzida na página, por sua vez, apresenta elementos que, servindo como contraponto imagético a esses pré-construídos, acabam por se sustentar nos mesmos lugares de autoridade.

Algumas características já analisadas na Figura 1 se repetem na Figura 2. Dentre elas, destacamos o recorte das fotografias selecionadas para comparação: o fundo das imagens, bem como o figurino e as expressões faciais (o sorriso de Fernanda e a boca aberta de Damares), permitem concluir que, enquanto a fotografia de Fernanda Lima foi tirada num contexto de gravação de seu programa (portanto, contando com uma produção anterior), a de Damares Alves parece ter sido tirada numa situação inesperada, em movimento e ao ar livre. A seleção dessas imagens reforça o pré-construído de uma beleza muito específica: aquela que depende de maquiagem e demais procedimentos estéticos para ser assim considerada. Damares, além disso, usa óculos e apresenta marcas de expressão faciais, características comumente associadas a pessoas de mais idade, o que também aciona um pré-construído que relaciona de forma direta juventude e beleza (pelo menos no caso das mulheres, principal público-alvo de procedimentos para rejuvenescer a aparência).

O comentário da página “Time Ciro Gomes”, “Nem aos olhos de Deus, Damares!”, reforça a leitura da montagem para os sentidos até então sustentados pelo contraste imagético: não há nenhuma possibilidade, nem recorrendo a crenças religiosas, de que a afirmação de Damares sobre feministas seja verdadeira, afinal, feministas são representadas pela aparência de Fernanda Lima, enquanto as outras, que se desidentificam desse grupo, são representadas por Damares Alves. A relação citada por Damares com a figura masculina não é contraposta imageticamente (diferentemente do que ocorre na Figura 1, onde a fotografia do marido de Fernanda Lima é apresentada como argumento), mas funciona a partir do já-dito: sabe-se que Fernanda Lima é casada com Rodrigo Hilbert e que ambos correspondem ao padrão de beleza alva que é idealizado no Brasil; sabe-se também que Damares Alves, por sua vez, não assumiu publicamente nenhum relacionamento amoroso desde o início de sua carreira política. Deste modo, a comparação das duas personalidades públicas atua como um efeito de evidência que desmente de forma irrefutável a credibilidade da declaração de Damares feita em vídeo.

A publicação conta com dois comentários cuja análise permite pensarmos a disputa de sentidos que se dá entre diferentes formações discursivas.

Comentário 1: “Fico chateada com posts que jogam uma mulher contra outra, já não temos problemas demais? O machismo mata as duas, então é ridículo esse joguinho. Briguem por política, mas não façam mulheres de marionetes!”

Comentário 2: “Somos feministas e lindaxx”

Uma vez que anteriormente propusemos uma divisão entre formação discursiva progressista e formação discursiva conservadora, o cotejamento entre esses comentários permite identificar, além da disputa de sentidos que se trava entre elas, a aliança efetuada pelo funcionamento dos lugares de autoridade.

O comentário 1 recorre a saberes que tipicamente circulam na formação discursiva progressista, quais sejam: o reconhecimento da existência do machismo e do feminicídio e a crítica à disputa entre mulheres. Neste enunciado não se inscrevem saberes que não sejam característicos da formação discursiva em questão. O comentário 2, por sua vez, se inscreve nessa mesma formação a partir da declaração “somos feministas”; dadas suas condições de produção, uma das paráfrases possíveis para essa declaração seria “somos

aquelas com as quais Damares não se identifica”. A progressão do enunciado com “e somos lindaxx”, no entanto, aciona saberes que nos permitem identificar o que estamos propondo como lugares de autoridade: no caso em tela, a reiteração da beleza como um elemento argumentativo. Se por um lado, não há comprometimento da formação discursiva conservadora com a desconstrução de saberes tais como beleza, branquitude, heterossexualidade, construindo a manutenção do que identificamos como lugares de autoridade, por outro lado, uma formação discursiva progressista, na materialidade em análise, ingressa no debate também aliada a esses saberes. Poderia se produzir, por exemplo, um deslizamento que questionasse não a beleza desta ou daquela figura pública, mas, sim, a pertinência da beleza num debate sobre feminismo. O que acontece, no entanto, é uma reiteração da importância da beleza para a legitimação de suas posições. É assim que "somos feministas e lindaxx" permite vislumbrar o funcionamento da beleza como um lugar de autoridade: incontornável. Diante da montagem que compara as aparências das duas mulheres, o comentário que reafirma a existência da beleza entre feministas teria como paráfrase possível: “a beleza importa também para feministas, e podemos provar que somos bonitas”. A contestação que se marca no comentário 1, destacamos, não se refere à importância dada à beleza, mas, sim, ao estímulo dado à disputa entre mulheres.

A análise desse conjunto das materialidades verbais e imagéticas nos permite identificar o funcionamento do que denominamos lugares de autoridade: saberes que funcionam de modo igualmente evidente e incontestável em formações discursivas aparentemente inconciliáveis. É pelo funcionamento da contradição que esses saberes estabelecem uma aliança até então não prevista entre essas diferentes formações. Propomos que, diferentemente do funcionamento do interdiscurso, cujos saberes são recortados diferentemente para cada formação discursiva, os lugares de autoridade determinam posições dentro de distintas formações, funcionando para além desse recorte.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao voltarmos nosso olhar para um funcionamento que se repete com certa regularidade em páginas de redes sociais ditas progressistas, procuramos analisar o fio condutor que sustentava as conclusões, aparentemente contraditórias aos saberes sustentados nessas posições. Foi assim que identificamos um funcionamento específico da autoridade. Orlandi (1987) já descrevera o discurso autoritário como aquele que tende à paráfrase, onde se tende a estancar as brechas para a irrupção de sentidos outros. Nos materiais que analisamos, o funcionamento que se destaca também é parafrástico. No entanto, a distinção se dá pela relação com a memória e o interdiscurso: os lugares de autoridade parecem ocupar um espaço que, diferentemente do que acontece no movimento de recorte que cada formação discursiva efetua no interdiscurso, atravessa com o mesmo efeito de evidência formações discursivas distintas e mesmo antagônicas, ancorando sentidos que legitimam saberes incontestáveis.

A beleza branca, dentro dos padrões caucasianos, - aliada a reconhecidos lugares comuns como família (por meio da figura do marido) e heterossexualidade, por exemplo - funciona como um lugar de autoridade para legitimar quem pode criticar e quem pode ser criticado, fazendo trabalhar a instaurada contradição dentro do discurso progressista. A título de exemplo, cabe mencionar que também a noção de “sucesso” tem sido mobilizada como um lugar de autoridade em diferentes materialidades discursivas, que por ora não são nosso objeto de análise, mas reiteram a regularidade do funcionamento da noção que propusemos. Os lugares de autoridade, nos casos analisados, funcionam para ratificar um certo lugar para a mulher, no qual principalmente a beleza - tal como ela (in)existe em nossa sociedade - é imprescindível para o reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, P.. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et al (org.). *Papel da memória*. Campinas, Pontes Editores, 1999, p.11-22.
- CONCEIÇÃO, A. C. L. Teorias feministas: da "questão da mulher" ao enfoque de gênero. *RBSE*, v. 8, n. 24, p. 738-757, 2009.
- FATIMA, Wellton da Silva de. Do beijo na telenovela ao repúdio parlamentar: discurso, memória e ideologia. In: LAU, Héilton Diego; FATIMA, Wellton da Silva de. (Org.) *Raça, gênero e sexualidade em perspectivas discursivas: efeitos e práticas da/na violência*. v. 2. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 270-288.
- FOLLMANN, José Ivo; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. A categoria raça nas Ciências Sociais: revisitando alguns processos políticos, sociais e culturais na história do Brasil *Ciências Sociais Unisinos*, vol. 49, núm. 1, 2013, p. 26-29. Universidade do Vale do Rio dos Sinos: São Leopoldo, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93826318008>>. Acesso em: 16 ago. 2022.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92-93, jan./jun., 1988. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B2_ZK-qR9WEKYWJhZDI3NDYtMTE0Zi00ZDg0LTk1OTMtOTM1NzMxNzhlYjBh/view. Acesso em: 28 maio 2020.
- LAGAZZI-RODRIGUES, S. O recorte significativo na memória. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 3, 2007, Porto Alegre. *Anais do SEAD*, Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- MUNANGA, K. *Negritude: usos e sentidos*. 4. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.
- ORLANDI, E. P. Segmentar ou Recortar. *Série Estudos*, Faculdades Integradas de Uberaba, Uberaba-MG, n. 10, p. 9-26, 1984.
- PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al (Orgs.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes Editores, 1999. p. 49-58.
- PÊCHEUX, M. [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.
- ZOPPI FONTANA, Mônica Graciela. Lugares de enunciação e discurso. *Leitura - Análise do Discurso*, n. 23, p. 15-24, 1999.

Recebido: 14/5/2020

Aceito: 4/8/2022

Publicado: 19/9/2022